

O ENSINO DE GEOGRAFIA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Nayane Camila Silva Cavalcanti¹
Natália Karoline Cândido Salvador²

RESUMO

A sociedade atual demanda de uma educação mais inclusiva, pois o número de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem aumentando ao longo dos anos, com isso é preciso lutar por uma escola mais heterogênea e mais justa, para que o ensino consiga atender a todos os estudantes, proporcionando a igualdade e respeitando as diferenças. Diante do exposto, este artigo tem como foco averiguar a partir de uma concepção teórica comparativa, quais as possibilidades e desafios enfrentados pelos professores de Geografia ao lidar com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diante da complexidade do objeto, a pesquisa foi de cunho qualitativo, que se deu a partir da busca em plataformas de pesquisa nacionais, sendo selecionados teses, dissertações e artigos científicos com as seguintes palavras-chave: Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Ensino de Geografia. Para o desenvolvimento da análise, foi elaborado um quadro comparativo sobre as dificuldades enfrentadas pelos docentes, as potencialidades das crianças e metodologias abordadas e o preparo do professor no que se refere à inclusão no ensino da Geografia. Após a leitura reflexiva das pesquisas escolhidas, inferimos que os trabalhos indicam que o processo de inclusão no ambiente escolar, com relação às crianças no espectro do autismo, ainda continua tímida. Nos achados das análises, pode-se identificar que os docentes analisados enfrentam alta carga de trabalhos nos ambientes escolares, com baixa formação inicial e continuada com relação aos conteúdos relacionados à inclusão. Além disso, foi apontado que há poucas informações e conhecimento do corpo escolar sobre o PEI (Plano Educacional Individualizado). Contudo, apesar dessas adversidades, alguns conteúdos formais, por exemplo do ensino da Geografia, podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de decodificação de significados dos estudantes com deficiência.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Transtorno do Espectro Autista; Educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é formado por uma variedade de atores sociais, sejam eles, estudantes, professores e corpo escolar. Tem como principal objetivo formar uma sociedade ativa que busque soluções e vivam com harmonia em sociedade. Vivemos atualmente em uma sociedade diversa, em seus modos de viver culturalmente, economicamente e também de processos de aprendizagens. Diante disso, é importante trazer o debate sobre a educação inclusiva, pois é necessário que comecemos a pensar em uma educação onde inclua a todos. A educação inclusiva é um modelo educacional que visa garantir que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças individuais, tenham igualdade de oportunidades para aprender e participar da vida escolar (Karagiannis, Stainback e Stainback, 1999).

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia, PPGeo, UFPE - nayane.cavalcanti@ufpe.br;

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia, PPGeo, UFPE - natalia_karoline94@hotmail.com;

Com base nisso, a educação inclusiva não se limita aos estudantes com deficiências, mas se aplica a todos os alunos, independentemente de sua origem étnica, socioeconômica, cultural ou de qualquer outra característica. Assim, tendo como objetivo promover uma sociedade mais justa e igualitária, onde cada indivíduo é valorizado e tem a oportunidade de alcançar seu pleno potencial. Para mais, cabe assim, que os professores possam refletir e incluir alunos com diversos tipos de desenvolvimento intelectual, sejam discentes típicos ou que possuam atrasos no desenvolvimento. São muitas as disparidades educacionais e de exclusão que passam as crianças com deficiência, seja através do acesso à escola, como também sobre o processo de adaptação escolar, muitos não têm acesso a uma educação de qualidade (ARAÚJO, 2015).

Ao exercer a docência, encontramos muitos desafios e possibilidades no caminho, o âmbito escolar é um lugar de aprendizagem recíproca, pois aprendemos todos os dias com os nossos alunos. Atualmente, o professor encontra uma sala de aula diversa, uma sala plural, com alunos típicos e alunos atípicos, e para que ele consiga incluir todos no processo de ensino e aprendizagem, é preciso que ele tenha conhecimento e esteja se atualizando sempre, pois cabe ao docente e a comunidade escolar buscar novas metodologias e recursos mais inclusivos, buscando práticas inovadoras que envolvam as particularidades dos estudantes com deficiência.

Pensando nisso, os docentes de Geografia passam por diversas adversidades, quando falam em inclusão. Pois além de lidar com cargas de trabalho elevadas, precisam ter domínio de conhecimentos teóricos e metodológicos da disciplina que eles ensinam. Além disso, necessitam estar atentos às mudanças do currículo que o Estado impõe. Destarte, não menos importante em suas formações iniciais não obtiveram em seus núcleos comuns temas acerca da inclusão no ensino. Dessa maneira, não se sentem capacitados para lidar com as adversidades das pessoas com deficiência. Diante do exposto, este artigo tem como principal objetivo realizar uma análise comparativa de trabalhos científicos que averiguem quais as principais adversidades e potencialidades de docentes que possuem alunos que possuem o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desse modo, a Geografia por ser uma disciplina escolar que possibilita aos estudantes a compreenderem suas ações, tanto individuais quanto coletivas, espera-se um ensino de Geografia mais inclusivo buscando práticas inovadoras que envolvam as particularidades dos estudantes com deficiência.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e bibliográfico, visando que se deu pela análise de artigos científicos e dissertações, que tiveram como tema principal, “A inclusão com alunos

com deficiência que detém o diagnóstico de Autismo”. De acordo com Lima e Mioto (2007), uma pesquisa qualitativa se refere a um método de pesquisa, que visa a partir do contato de referências bibliográficas, encaminhar para análises de objetivos propostos, propondo reflexões e, que são essenciais para uma abordagem epistemológica da Ciência.

Para atingir os objetivos da referente pesquisa, fizemos uso da Plataforma de Pesquisa “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações”, denominada BDTD. Para filtrar as produções que se convergiam com o objetivo do artigo, utilizamos as palavras-chaves: Educação Inclusiva, Ensino de Geografia e Inclusão.

Dessa maneira, foram encontrados 6 artigos. Assim, após a leitura e reflexão das produções científicas, realizamos alguns apontamentos pertinentes. Elaboramos um quadro comparativo, inferindo quais os objetivos de cada artigo escolhido, após essa fase, cunhamos sobre as principais inferências que os professores investigados realizaram nas produções, apontando como esses atores elencam acerca da educação inclusiva no ensino de geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao abordar sobre inclusão, precisamos ter em mente sobre o significado dela, pois ela é um princípio e uma prática que visa garantir que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças individuais, características, origens ou necessidades, sejam tratadas com igualdade, respeito e dignidade, e tenham acesso às mesmas oportunidades, direitos e participação na sociedade. Segundo Mantoan (2003), a inclusão escolar é incompatível com a integração escolar, pois tem objetivos diferentes, enquanto uma defende especificamente à inserção de estudantes com deficiência nas escolas comuns, como também em escolas especiais, Mantoan (2003, p. 15) acrescenta que na integração escolar existem situações que “nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção”.

Já a inclusão escolar, segundo Mantoan (2003, p. 16), ela questiona não só o conceito de integração, mas também debate sobre as políticas educacionais, a organização da educação regular e da educação especial, ela busca prever “a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular”. Com base nisso, a inclusão implica uma mudança na perspectiva escolar, ele não se aplica apenas aos alunos com deficiência e os que tem alguma dificuldade de aprender, ele se aplica a todos, tendo como objetivo o sucesso na aprendizagem. Contudo, a inclusão é um compromisso com a igualdade, a equidade e o respeito pela diversidade, buscando criar um

ambiente onde todas as pessoas se sintam valorizadas e possam contribuir de maneira significativa para a sociedade.

Os princípios e objetivos da educação inclusiva são muito significativos para a evolução do sistema educacional do Brasil. Essa temática está sendo muito debatida no âmbito escola, devido ao número crescente de crianças e jovens com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação nas escolas, com base nisso, segundo Araujo (2022) depois da década de 90, surgiram muitos debates e transformações sobre a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Muitas políticas públicas foram criadas para assegurar a inclusão dos estudantes com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais, na sua 5ª edição (DMS-5), denomina o autismo como “Transtorno do Espectro autista”. Dessa forma, quando se fala em espectro, está relacionado que o autismo comporta uma variabilidade de deficiências, como também de habilidades, variando de acordo com seu nível de suporte. Steinbrenner et al (2020), infere que um dos sintomas do autismo diz respeito há comprometimentos nas interações sociais, na função do brincar como também sobre a linguagem verbal e não verbal. Além do mais, estando presente comportamentos repetitivos e restritivos.

Diante da diversidade de estudantes em sala de aula, o professor precisar incluir a todos e para isso, cabe a ele selecionar conteúdos mais próximo da realidade do discente, adaptando a sua vivência, para isso, é importante que o professor conheça seus alunos, com isso desenvolvendo uma aprendizagem mais significativa e inclusiva. Com base na BNCC (BRASIL, 2018), estudar Geografia é uma oportunidade de conhecer e compreender as problemáticas existentes em escala global e local, além de fazer analogias com o mundo em que vivem. Diante disso, entende-se que a Geografia é uma disciplina escolar, que de acordo com Castellar e Vilhena (2019, p. 5), “possui seus objetos de aprendizagem e núcleos conceituais a partir de uma abordagem filosófica comprometida com a realidade social”. Pois, a Geografia é um importante recurso para que se entenda o mundo em que se vive, compreendendo as mudanças e transformações da sociedade e da natureza.

Diante do exposto, a Geografia é uma grande aliada no processo de desenvolvimento do aluno com autismo, pois segundo Nascimento (2020), essa disciplina desenvolve habilidades funcional-social, com base nisso, ela fará com o estudante aprenda a descrever os eventos espaciais a partir da observação, comece a desenvolver noções de pertencimento e identidade, além de comparar os tipos de uso dos espaços públicos, bem como das brincadeiras e jogos de

diferentes épocas e escalas geográficas; localize elementos do local de vivência utilizando como referência seu corpo ou as dimensões espaciais; e compreenda suas interações com seu contexto familiar e grupos de convívio e aquelas interações espaciais mais complexas. (NASCIMENTO, 2020, p. 43)

Contudo, para que haja uma aprendizagem significativa, realista e funcional do estudante com TEA, é preciso que os docentes fiquem atentos e busquem estratégias inclusivas e flexíveis, além buscar relacionar os conteúdos geográficos com as atividades práticas, para assim garantir que esses estudantes tenham sucesso na aprendizagem de Geografia (NASCIMENTO, 2020). Nascimento (2020, p. 51) acrescenta que para as atividades práticas desenvolvidas pelos professores se convertam em aprendizagens, os estudantes “[...]com autismo precisam de recursos e estratégias apropriadas de ensino e aprendizagem, de abordagens que respeitem seu ritmo de desenvolvimento, seus conhecimentos prévios e sua condição espectral”. À vista disso, ao adaptar o ensino de geografia de acordo com as necessidades individuais dos alunos com TEA, o docente estará contribuindo para a promoção de uma educação mais inclusiva e acessível.

Muitos são os regimes jurídicos estabelecidos, seja no cenário mundial, como no território nacional, referentes à inclusão. Podemos destacar por exemplo a “Conferência Mundial da Educação”, que ocorreu em Jomtien na Tailândia em 1990. Naquele momento, o evento teve como propósito avançar as discussões acerca de uma melhoria na qualidade escolar. Além disso, indicou a importância de considerar as pessoas com deficiência. Um Segundo evento de escala mundial foi intitulado “Conferência mundial de Salamanca”, que ocorreu no ano de 1994, naquele ambiente, foram debatidas ações para uma melhor qualidade tanto de acesso como de processos de aprendizagens para as pessoas com deficiência. É importante frisar, que foi através deste segundo evento que foram inspiradas e efetivadas iniciativas de inclusão no território brasileiro como pontua.

No Brasil, os regimes jurídicos acerca dos direitos dos alunos com deficiência começam a ter um maior destaque na década de 90. Por exemplo, foi através da LDB (Leis Diretrizes de Bases da educação, na lei 9394/1996, em seu artigo 59, inferiu que profissionais da educação deveriam ter capacitação especializada para lidar com crianças com deficiência (BRASIL, 1996). Posteriormente, surge as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, sob a resolução Nº2/2001, que garantem direitos básicos de respeito a uma educação digna, com profissionais capacitados, como também no que tange a adaptação escolar desses estudantes.

Destacamos também na “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Deficiência”, a Lei nº 12.764/12, conhecida como “Lei Berenice Piana”, que regulamentou

direitos básicos de tratamento multidisciplinar, acesso à educação, e a ensino profissionalizante. Dessa forma, essas leis tentam combater, e trazer uma representação para a sociedade civil, demonstrando que as pessoas com deficiência devem ser reconhecidas socialmente, e seus direitos básicos garantidos pela constituição brasileira (ORRÚ, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas análises dos trabalhos selecionados, o trabalho de conclusão de curso, intitulado “Autismo e inclusão escolar: estudo sobre os desafios no processo de aprendizagem do ensino da Geografia”, tem como base analisar os desafios e possibilidades enfrentados pelo corpo docente e pela coordenação. Com base nisso, Silva (2022) identifica que a escola carece de materiais para desenvolver as atividades, porém mesmo com esse déficit de recursos, a escola se esforça para realizar dinâmicas inclusivas nas aulas de Geografia. E ao realizar as atividades adaptadas, o professor percebeu que o aluno tem algumas preferências que o deixam mais confortáveis, esse fator é muito relevante na hora da construção das aulas adaptadas e atividades. Diante disso, Silva (2022) aborda que é importante os professores de conhecerem a respeito do TEA e também sobre as especificidades do seu estudante, pois ao conhecer sobre o estudante e sobre a temática, o docente terá mais conhecimento para conseguir flexibilizar suas aulas para que o discente, pois é a partir da análise inicial o professor saberá quais as necessidades do seu aluno e assim incluir seu estudante.

Para mais, Silva (2022) identifica que a professora de Geografia (E2) busca trabalhar com aulas mais dinâmicas, com o objetivo de incluir todos os estudantes, realizando atividades que estimulem a fala, escrita e visual dos alunos, além de criar vínculos afetivos entre os colegas e o professor. Com base na metodologia de ensino, a professora desenvolve o plano anual e também planos individuais de ensino. Ao realizar a metodologia ativa nas aulas de Geografia, a professora (E2) busca trabalhar de forma concreta, com materiais reais e que fazem parte do cotidiano do aluno, tornando a aprendizagem significativa.

No que se refere aos desafios enfrentados pelos professores, Silva (2022) destaca sobre os desafios que os profissionais de educação vêm enfrentando na escola, que é o despreparo e falta de formação adequada para atender ao público dos estudantes com TEA, não só dos professores, como também a comunidade escolar. Além disso, há uma grande necessidade em se encontrar recursos didáticos voltados para a inclusão na escola. Para mais, existe mais um desafio enfrentado não pelo o professor, mas pelos estudantes atípicos, que são as instalações da estrutura física da escola, pois não é acessível, onde foi apresentado diversos problemas nos

ventiladores e no banheiro para cadeirantes. Diante disso, é importante fazer a seguinte pergunta: Como promover a inclusão em uma escola que não tem infraestrutura? A inclusão não acontece apenas na sala de aula, nas metodologias de ensino, a inclusão tem que acontecer em todo âmbito escolar, Silva (2022, p. 30) acrescenta que “Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo”.

Ao analisar os dados do artigo “Ensino da Cartografia: limites e possibilidades para a prática docente junto aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, quando perguntado sobre o acesso aos conhecimentos da educação inclusiva durante a graduação, 75% dos docentes responderam não, ou seja, observa-se que grande parte dos professores de Geografia não possuem formação adequada sobre formação inclusiva, muitos vão para sala de aula sem ter conhecimento do conceito e se sente despreparado.

O professor precisa saber lidar com as diferenças, com isso, o docente é fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos seus estudantes com deficiência, pois a partir da experiência com o professor, o conhecimento é construído dia após dia (ARAÚJO, 2022). Com base nisso, o currículo das instituições de ensino superior precisa pensar em ofertar disciplinas sobre educação inclusiva, para assim preparem os formandos para promover atividades práticas significativas para todos. Com base na formação do corpo docente, todos os professores não possuem cursos de pós-graduação voltados ao TEA e nem mesmo formação continuada que envolvesse a temática.

No que se refere a necessidade de compreender as características do TEA, Araujo (2022, p. 59) ressalta que os docentes “[...] atribuem o nível leve aos alunos considerados “fáceis de lidar” podendo chegar aos graves/elevados que são difíceis de estabelecer comunicação e possuem comportamento agitado[...]”. Nesse momento, é possível observar que os professores conhecem pouco sobre o TEA, além disso, os professores abordam sobre a dificuldade em relação ao comportamento e a comunicação dos alunos com o TEA, segundo Borba e Barros (2018), os estudantes com TEA apresentam dificuldade em se comunicar, além de apresentar comportamentos repetitivos. Portanto, a falta de conhecimento científico dos docentes sobre o transtorno tende a promover uma percepção negativa, isso pode atrapalhar no desenvolvimento e na aprendizagem do estudante. No quadro a seguir, estão organizados os desafios e as possibilidades analisadas nas pesquisas.

QUADRO 1 – QUADRO COMPARATIVO DOS DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENFRENTADA PELOS DOCENTES

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	DESAFIOS	POSSIBILIDADES
---------	--------------------	----------	----------------

Karen Eduarda Carvalho da Silva (2022)	Autismo e Inclusão Escolar: estudo sobre os desafios no processo de aprendizagem no ensino da geografia	Falta de recursos e materiais na escola; Despreparo e falta de formação adequada para atender ao público dos estudantes com TEA; A falta de acessibilidade na estrutura física da escola.	A busca de alguns professores em se especializarem para incluir seus estudantes; Aulas dinâmicas, com o objetivo de incluir todos os estudantes, realizando atividades que estimula a fala, escrita e visual dos alunos, além de criar vínculos afetivos entre os colegas e o professor.
Adelis Carvalho Azevedo Araujo (2022)	Ensino da Cartografia: limites e possibilidades para a prática docente junto aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	A falta de disciplina sobre inclusão nas instituições superiores; Despreparo e falta de formação adequada para atender ao público dos estudantes com TEA; Dificuldade em relação ao comportamento e a comunicação dos alunos com o TEA;	A utilização significativa da representação cartográfica; Busca por materiais visuais e concretos.
Francisca Samara Kizia Bezerra do Nascimento (2020)	Ajude-nos a compreender o espaço geográfico - manual pedagógico com orientações ao professor de aluno com autismo.	Devido aos desafios enfrentados pelos profissionais da educação, a autora sentiu a necessidade de elaborar um manual pedagógico com orientações ao professor de aluno com autismo.	Estudo do ABA (Análise do Comportamento Aplicada); Material necessário para os docentes, pois oferece um recurso muito rico na formação do docente, abrindo diálogos e reflexões sobre a Geografia escolar e a educação inclusiva.

Fonte: As autoras, 2023.

Com base no trabalho de Nascimento (2020), “Ajude-nos a compreender o espaço geográfico - manual pedagógico com orientações ao professor de aluno com autismo”, tendo como objetivo elaborar um manual instrucional contendo orientações teórico-metodológicas sobre o ensino de Geografia para alunos com autismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nascimento (2020, p. 52) se aprofundou no estudo do ABA (Análise do Comportamento Aplicada), que “é uma abordagem de ensino oriunda dos princípios da Teoria Behaviorista, responsável por observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem”. E essa proposta de ensino tem se apresentado muito relevante em relação à aprendizagem de estudantes autistas.

Esse material é grande relevância para os docentes, pois oferece um recurso muito rico na formação do docente, abrindo diálogos e reflexões sobre a Geografia escolar e a educação inclusiva, pois esses profissionais da educação são responsáveis por incluir seu estudante, garantindo um atendimento educacional inclusivo, tendo como objetivo aprenderem sobre os conteúdos geográficos (NASCIMENTO, 2020). Ele dispõe de discussões e estratégias de ensino que o docente pode fazer alterações de acordo com a especificidade do aluno, pois não

existe material universal para trabalhar com TEA, é preciso de adaptações e também considerando as características do estudante com autismo.

De acordo com Barbosa (2022), ao estudar as formas alternativas de comunicação, inferem que a metodologia Pecs, pode ajudar na comunicação de professores e alunos nas aulas de geografia. Para a autora, os docentes são capazes de realizarem práticas inclusivas e adaptações curriculares para aprendizes que tenham o diagnóstico de autismo.

Barbosa (2022), ao estudar a importância do lugar, no processo de aprendizagens em crianças com TEA, apontou em suas reflexões, que o conceito de lugar pode ajudar no entendimento da relação do pertencimento no mundo dos discentes com autismo. Dessa forma, este conceito geográfico pode contribuir para que o aluno compreenda o seu aspecto do “mundo vivido”.

De acordo com a pesquisadora, a metodologia Pecs amplia a possibilidade de comunicação receptiva e expressiva em diversos contextos, permitindo que o aluno com TEA, desenvolva habilidades de comunicação, expressando seus sentimentos, descrevendo situações. Destarte é um canal de comunicação, desenvolvendo a linguagem intra-verbal que é tão importante para a efetividade de uma comunicação com seus pares.

Ribeiro (2021), inferiu em sua pesquisa, que os integrantes que compõem a estrutura educacional, devem compreender de que se fundamentam os níveis de suporte do autismo. Só assim, os professores serão capazes de considerar as individualidades dos aprendizes. Dessa forma, os alunos com TEA da investigação científica, tiveram dificuldades de definir os conceitos geográficos, não os relacionando com os objetos físicos e naturais que compõem o espaço geográfico. Os mesmos professores desses alunos, informam que se sentem inseguros para lidarem com este alunado. Tendo em vista, que afirmaram que não tiveram formação inicial e continuada acerca da educação inclusiva. Adicionados esses fatores, os docentes também corroboram pontuando que não conhecem o que seria a Tecnologia Assistiva (TA).

Já Silva (2019), ao estudar as relações dos mapas mentais nas relações de aprendizagens no ensino de geografia com discentes que têm autismo, inferiu que 7 crianças participaram da pesquisa. Os docentes investigados apontaram alta carga horária de trabalho, variando de 12 a 30 horas semanais. Apontam baixa formação continuada com respeito a conceitos relacionados à inclusão. Inferiram também falta de informações sobre o PEI (Plano Educacional Individual).

Com relação aos aspectos didáticos da geografia, acerca da alfabetização cartográfica. A maioria dos alunos representaram seu espaço cotidiano ora de forma vertical, ora de maneira frontal, apontando um desequilíbrio de proporção. Contudo, houveram riqueza de detalhes sobre seus espaços de vivência. Elucidando que o mapa é um caminho para identificar as

subjetividades dos alunos (Silva, 2019). No quadro abaixo, podemos analisar a continuação das análises dos trabalhos selecionados, identificando os desafios e as possibilidades apresentadas e enfrentadas pelos docentes.

QUADRO 2 – CONTINUAÇÃO DO QUADRO COMPARATIVO DOS DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENFRENTADA PELOS DOCENTES

AUTORES	TÍTULO DA PESQUISA	DESAFIOS	POSSIBILIDADES
Solange Lucas Ribeiro (2021)	Ensino de Geografia no contexto da diversidade e da inclusão educacional	<p>Dificuldades dos alunos de compreender conceitos geográficos;</p> <p>Falta de capacitação dos docentes na formação inicial e continuada acerca da educação inclusiva;</p> <p>Dificuldades dos docentes de conhecer processos didáticos e de comunicação assistiva com alunos com TEA.</p>	<p>Apesar dos alunos terem dificuldades no entendimento dos conceitos geográficos. Outros alunos conseguiram compreender as variações humanas e físicas do espaço, por intermédio da problematização da sua realidade cotidiana;</p> <p>Professores sinalizam que um caminho para diminuir as disparidades educacionais com discentes com TEA, é a prática de maiores investimentos na educação inclusiva nos espaços escolares</p> <p>Maior parceria dos docentes do ensino regular, com os professores da sala de recurso AEE</p>
Samara Pacheco Silva Barbosa (2022)	Os sentidos de lugar e espaço geográfico constituído por meio de uso do sistema de comunicação por troca de figuras (PECS) em alunos com autismo.	<p>Dificuldades de lidar com alterações comportamentais dos alunos com TEA nas salas de aula regulares;</p> <p>Se sentem despreparados para lidar com processos de aprendizagens que levem em consideração as individualidades estudantis.</p>	<p>A pesquisa aponta que os docentes devem ter um maior suporte técnico de profissionais com especialização em autismo, tanto na sala de aula, como em todo o campo da escola;</p> <p>Maior contato com a família, para conhecer as preferências e os reforçadores dos alunos, para ajudar nas habilidades pedagógicas;</p> <p>Usar o método Plano de Ensino Individualizado.</p>
Marilza Santos Silva (2019)	O ensino de Geografia e os Mapas Mentais de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no Município de Duque de Caxias, RJ.	<p>Docentes apontam alta carga de trabalho, variando entre 12 a 30 horas semanais;</p> <p>Não obtiveram nenhuma disciplina sobre inclusão em sua formação inicial;</p> <p>Falta de informações em suas capacitações sobre o PEI (Plano educacional individualizado).</p>	<p>O mapa como recurso para um maior entendimento das representações de expressão e comunicação com discentes com TEA;</p> <p>Maior uso da Alfabetização Cartográfica, contribuindo para o funcionamento do espaço ao seu redor.</p>

Fonte: As autoras, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário escolar constitui-se por um panorama de variados atores sociais, sejam eles: docentes, alunos e corpo escolar. Formalizado por um arcabouço de interações, funções e aprendizagens. Nessa interface entre saberes e conhecimentos, surge o papel fundamental dos docentes de não só tem a função de contribuir para o processo de aprendizagens, sejam elas pedagógica e/ou cognitivas, mas que seus aprendentes sejam capazes de resolver seus problemas cotidianos. Para que os alunos consigam adquirir essas habilidades, é necessário tomar posse de conhecimentos teóricos, práticos, mas também considerar as individualidades estudantis. Pois, na escola, há uma variabilidade de discentes, sejam de raça, gênero, e de aprendizagens.

Com base na análise e reflexão dos trabalhos analisados. Apontamos que apesar de haver pesquisas científicas no que se diz respeito aos aspectos inclusivos na educação. Ainda, são tímidos as práticas de educação inclusiva. É necessário dar uma maior ênfase nas individualidades de estudantes que se enquadram no Espectro do Autismo. Ademais, é primordial que haja capacitação na formação inicial e continuada de professores, só assim teremos uma sociedade que respeite os direitos das crianças atípicas, e que possam ter acesso a aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-IV-TR**. Washington: APA, 2002.

ARAÚJO, C.M. **As práticas formativas no curso de pedagogia e o diálogo com saberes docentes para a formação do professor como prático reflexivo. Formação de professores: múltiplos olhares/** Organizadores: Sylvia de Chiaro, Carlos Eduardo Monteiro. Recife: Editora UFPE, 2015.

ARAÚJO, Adelis Carvalho Azevedo. **Ensino da Cartografia: limites e possibilidades para a prática docente junto aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Orientador: Prof. Dr. Antonio Roberto Coelho Serra. 2022. 139 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva em Rede Nacional, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

BARBOSA, Samara. P. **Os sentidos de lugar e espaço geográfico construído por meio do uso do sistema de comunicação por troca de figuras (PECS) em alunos com Autismo**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Geografia. Cuiabá, 110 f, 2022.

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. **Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC)**, 2018.

BRASIL. **Lei e Diretrizes Bases da Educação Nacional Brasileira. (Lei 9394/1996)**. Brasília, Ministério da educação, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm.

_____. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.1-12

_____. **Resolução CNE/CP Nº2/2001.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, 2001.
Disponível em: [//http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf).

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

KARAGIANNIS, Anastasios; STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999. Cap. 1. p. 21-34.

LIMA, T.C.S; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Revista Katálysis, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NASCIMENTO, Francisca Samara Kizia Bezerra do. **Ajude-nos a compreender o espaço geográfico** - manual pedagógico com orientações ao professor de aluno com autismo. Orientador: Prof. Dr. Marco Túlio Mendonça Diniz. 2020. 209 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

ORRÚ, S.E. **O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender.** Vozes: Petrópolis, RJ, 2017.

RIBEIRO, Solange. L. **Ensino de Geografia no contexto da diversidade e da inclusão educacional.** Revista Brasileira de Educação em geografia, v.11, n.21, 2021.

SILVA, Marilza, S. **O ensino de Geografia e os mapas mentais e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no município de Duque de Caxias (RJ).** Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Karen Eduarda Carvalho da. **Autismo e Inclusão Escolar: estudo sobre os desafios no processo de aprendizagem no ensino da geografia.** 2022. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia – Licenciatura. Recife, 2022.

STEINBRENNER, Jessica R; HUME Kara; ODOM, Samuel L; MORIN Ksisti L; NOWELL, Sallie; TOMAZZEWISHI, B; SZENDREY, S; MCLNTYRE NACY, S; YUCESYOY-ÖZKAN, Serife; SAVAGE, Melisa N. **The University of North Carolina at Chapel Hill Frank Porter-Granhm Child. Development Institute, Nacional Chearinghouse on Autism Evidence,** 2020.